

DOENÇA CRÔNICA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE: DESAFIOS FORMATIVOS PARA O CUIDADO SENSÍVEL AO GÊNERO

CHRONIC DISEASE AND HEALTH EDUCATION: TRAINING CHALLENGES FOR GENDER-SENSITIVE CARE

Milene Izabel Pezarini Jacon¹

Jéssica Barreto Pereira²

Viviane Cristina Vieira da Silva³

Suenny Alves dos Santos⁴

Mayonara Fabíola Silva Araújo⁵

Marília Andreza de Arruda⁶

Leonidas Nelson Martins Júnior⁷

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir os desafios formativos enfrentados por

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos (PPGANEA), com área de concentração em Alimentos e Nutrição, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), campus de São José do Rio Preto. Servidora da rede pública estadual de educação.

2 Mestre em Enfermagem pela UFPB. Professora e Coordenadora de Curso da Faculdade Três Marias.

3 Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde/UFPE, Enfermeira do Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPB.

4 Mestre em Enfermagem pela UFPB. Universidade Federal da Paraíba.

5 Enfermeira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FACISA). Servidora da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - FACISA/UFRN e Enfermeira assistencial do Hospital Regional Drº Mariano Coelho - Currais Novos/RN. Mestra e Doutora em Saúde Coletiva pela UFRN.

6 Mestranda pelo programa em gerontologia da UFPB- PPPGERONTO.

7 Enfermeiro assistencial na Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) hospital da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG (HUUFJF/EBSERH), especialista em enfermagem adulta e neonatal pela Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, especialista em Gestão de Programa de Saúde da Família pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá – RJ.

profissionais da saúde no cuidado de pessoas com doenças crônicas, com ênfase na promoção de práticas educativas sensíveis às questões de gênero. A partir de uma revisão narrativa da literatura, foram analisados estudos publicados entre 2023 e 2025 que abordam a interface entre educação em saúde, formação profissional, vulnerabilidades sociais e estratégias de cuidado em diferentes territórios. A análise evidenciou duas categorias centrais: a necessidade de uma formação crítica e interseccional, e o papel dos espaços comunitários e tecnologias digitais na mediação do cuidado. Os resultados apontam que as ações educativas continuam ancoradas em modelos biomédicos, desconsiderando, em muitos casos, as desigualdades de gênero e as realidades socioculturais dos sujeitos do cuidado. Iniciativas baseadas no diálogo, na escuta e na valorização dos saberes populares, bem como o uso de mídias como podcasts e rodas de conversa, mostraram-se eficazes na promoção da autonomia e adesão ao tratamento. Conclui-se que práticas formativas que incorporem perspectivas interseccionais e comunitárias são fundamentais para a construção de uma atenção integral, justa e acolhedora para pessoas com doenças crônicas.

Palavras chaves: Doença crônica; Educação em saúde; Formação em saúde; Gênero; Cuidado; Espaço comunitário.

Abstract: This article aims to discuss the training challenges faced by healthcare professionals in the care of people with chronic diseases, with an emphasis on promoting gender-sensitive educational practices. Based on a narrative literature review, studies published between 2023 and 2025 that address the interface between health education, professional training, social vulnerabilities, and care strategies in different territories were analyzed. The analysis highlighted two central categories: the need for critical and intersectional training, and the role of community spaces and digital technologies in mediating care. The results indicate that educational actions continue to be anchored in biomedical models, often disregarding gender inequalities and the sociocultural realities of those receiving care. Initiatives based on dialogue, listening, and valuing popular knowledge, as well as the use of media

such as podcasts and discussion groups, proved effective in promoting autonomy and adherence to treatment. It is concluded that educational practices that incorporate intersectional and community perspectives are fundamental to building comprehensive, fair, and welcoming care for people with chronic diseases.

Keywords: Chronic disease; Health education; Health training; Gender; Care; Community space.

INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis representam um dos maiores desafios de saúde pública na atualidade, exigindo modelos de cuidado que extrapolem a lógica biomédica e incluam abordagens educativas, interdisciplinares e humanizadas. Segundo Ramalho et al. (2022), a complexidade do cuidado a pessoas com doenças crônicas, especialmente em contextos hospitalares e domiciliares, evidencia lacunas no preparo das famílias para o autocuidado após a alta, o que reforça a importância da educação em saúde como estratégia central de continuidade do cuidado.

Nesse cenário, a formação de profissionais sensíveis às dimensões sociais, culturais e de gênero torna-se urgente. Estudos como o de Santos et al. (2023) demonstram que as ações educativas ainda enfrentam desafios significativos na incorporação de perspectivas interseccionais, revelando que mulheres, especialmente aquelas em condição de maior vulnerabilidade social, assumem frequentemente a responsabilidade pelos cuidados domiciliares, mesmo sem preparo ou suporte adequado.

Adicionalmente, os processos de ensino-aprendizagem sobre saúde e doença permanecem ancorados em modelos técnico-informativos, muitas vezes desconsiderando o contexto de vida, o nível de escolaridade e a realidade de quem cuida. Como destacam Jessenery et al. (2023), práticas educativas centradas no diálogo, na escuta e na valorização dos saberes populares favorecem a autonomia dos sujeitos e o enfrentamento das condições crônicas com mais segurança e qualidade de

vida.

Iniciativas inovadoras, como o uso de tecnologias digitais na comunicação com pacientes crônicos, mostraram-se estratégias eficazes para promover a educação em saúde durante a pandemia de COVID-19. A experiência do projeto “Respirando com saúde na pandemia”, que utilizou podcasts como ferramenta educativa, evidencia como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser aliadas no cuidado a pessoas com doenças respiratórias crônicas, ampliando o acesso à informação e promovendo vínculos com os usuários dos serviços de saúde.

Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir os desafios formativos para a promoção de um cuidado em saúde sensível ao gênero, no contexto das doenças crônicas, destacando o papel da educação em saúde como mediadora das práticas de cuidado. Trata-se de uma revisão narrativa que busca articular saberes teóricos e experiências práticas com foco na formação de profissionais comprometidos com a equidade, o acolhimento e a integralidade no SUS.

MÉTODO

Este estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa, cujo objetivo foi analisar criticamente os desafios formativos envolvidos na promoção do cuidado em saúde às pessoas com doenças crônicas, a partir de uma perspectiva sensível às questões de gênero. A escolha pela revisão narrativa justifica-se pela flexibilidade metodológica que esse tipo de revisão oferece, permitindo a articulação de diferentes referenciais teóricos, contextos de produção do conhecimento e enfoques interdisciplinares.

A seleção das fontes baseou-se em critérios de relevância temática, recorte temporal recente (publicações entre 2021 e 2025) e diversidade metodológica. Foram utilizados artigos científicos disponibilizados previamente em formato digital, todos publicados em periódicos da área da saúde coletiva, enfermagem e educação em saúde. Os textos escolhidos contemplam tanto estudos teóricos quanto relatos de experiência e pesquisas de campo que abordam a intersecção entre doenças crônicas,

educação em saúde e gênero.

O corpus foi analisado por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa, buscando-se identificar categorias comuns e divergentes entre os estudos. Foram priorizados aspectos como: metodologias educativas empregadas, estratégias formativas adotadas por profissionais e instituições, presença (ou ausência) de abordagem interseccional nos processos de cuidado, e impacto das ações educativas sobre a autonomia e qualidade de vida de pessoas com doenças crônicas.

Adotou-se uma perspectiva crítica, fundamentada em autores que discutem os determinantes sociais da saúde, a equidade de gênero e os princípios da integralidade e da humanização do cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS). A análise buscou revelar tanto as potências quanto as limitações das práticas educativas em saúde no enfrentamento das desigualdades que atravessam os processos de adoecimento e cuidado de pessoas com condições crônicas.

Embora não se trate de uma revisão sistemática, este estudo observou princípios éticos e de rigor acadêmico, com especial atenção à fidedignidade das fontes e à análise contextualizada das evidências, considerando as singularidades dos territórios e sujeitos envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos selecionados revelou um conjunto significativo de desafios e possibilidades nos processos formativos voltados ao cuidado de pessoas com doenças crônicas, sobretudo quando se considera a sensibilidade de gênero como eixo estruturante das práticas educativas em saúde. A construção de uma abordagem crítica sobre esse tema requer compreender tanto os contextos sociais em que os sujeitos adoecem quanto os modos como o saber e o poder se articulam na produção do cuidado.

Para organizar os achados, propuseram-se duas categorias temáticas que emergiram de maneira recorrente na análise dos textos: Formação crítica e sensível ao gênero nas práticas educativas em saúde e Cuidado compartilhado e o papel dos espaços comunitários na educação para doenças

crônicas

Formação crítica e sensível ao gênero nas práticas educativas em saúde

A construção de práticas educativas voltadas à prevenção e ao acompanhamento de doenças crônicas exige mais do que a transmissão de conteúdos biomédicos. Implica, fundamentalmente, reconhecer os determinantes sociais da saúde e as intersecções entre gênero, classe, raça e território. No entanto, os estudos analisados evidenciam que ainda há lacunas importantes na formação de profissionais da saúde nesse campo.

Segundo Vieira et al. (2023), as ações educativas muitas vezes são organizadas com ênfase em campanhas prescritivas, pouco conectadas com a realidade social e afetiva dos sujeitos, o que dificulta a adesão ao cuidado e à autonomia do paciente. Essa crítica é reforçada por Lima et al. (2024), ao apontarem que a educação escolar em saúde ainda ignora, em larga medida, as desigualdades sociais que atravessam a distribuição das morbidades evitáveis e da mortalidade precoce.

No contexto da atenção primária, Oliveira et al. (2024) relatam a experiência de discentes em ações educativas sobre diabetes, destacando a dificuldade em dialogar com públicos diversos, especialmente o jovem. A ausência de abordagens que considerem as especificidades de gênero torna-se um desafio adicional para alcançar efetividade nas ações.

Santos et al. (2023) defendem que práticas educativas sensíveis ao gênero precisam contemplar as diferentes formas como homens e mulheres vivenciam o adoecimento e o cuidado, considerando, por exemplo, que os homens tendem a negligenciar mais os sinais do corpo e a buscar tardiamente os serviços de saúde. Assim, estratégias pedagógicas devem ser adaptadas a essas realidades, incentivando o engajamento por meio de narrativas que reconheçam tais diferenças.

Por fim, Vieira et al. (2023) destacam que a formação crítica dos profissionais passa pela superação do modelo biomédico e pela valorização do diálogo, da escuta e da construção coletiva do conhecimento com os usuários. Isso demanda não apenas mudanças curriculares, mas também uma

transformação ética e política na concepção de cuidado.

Cuidado compartilhado e o papel dos espaços comunitários na educação para doenças crônicas

A gestão do cuidado às pessoas com doenças crônicas exige o fortalecimento de redes de apoio para além dos serviços formais de saúde. Os estudos analisados evidenciam que os espaços comunitários, como escolas, unidades básicas, associações de bairro, igrejas, rádios e redes digitais, possuem um papel estratégico na promoção do autocuidado e na ampliação da educação em saúde com sensibilidade social e de gênero.

O estudo de Pereira et al. (2024) destaca que as ações educativas realizadas nos territórios, especialmente aquelas voltadas a populações com baixa escolaridade, são mais eficazes quando incorporam práticas culturais, linguagem acessível e a escuta ativa como estratégia de aproximação com os sujeitos do cuidado. As iniciativas que envolvem rodas de conversa, oficinas e intervenções lúdicas favorecem a troca de saberes e a valorização das experiências de vida dos participantes.

Outro exemplo significativo está presente na experiência de Jessenery et al. (2023), que relatam como a articulação entre universidade e comunidade fortaleceu o cuidado com pessoas com hipertensão e diabetes na atenção primária. A atuação interprofissional e dialógica entre estudantes, profissionais e moradores resultou em práticas educativas centradas na escuta e na construção coletiva do conhecimento, com reconhecimento das demandas de gênero e vulnerabilidade.

Durante a pandemia de COVID-19, espaços digitais também se mostraram eficazes como mediadores do cuidado. O projeto “Respirando com saúde na pandemia”, descrito por Barbosa et al. (2025), exemplifica o uso de podcasts como ferramenta de educação em saúde para pessoas com doenças respiratórias crônicas. Além de democratizar o acesso à informação, os áudios educativos produziram sensação de acolhimento e continuidade do vínculo com os serviços de saúde mesmo em contextos de distanciamento físico.

Adicionalmente, o estudo de Silva e Lima (2024) aponta que ações educativas desenvolvidas

por agentes comunitários de saúde têm papel fundamental na sensibilização de famílias sobre os cuidados com doenças crônicas. Essas ações ganham força especialmente entre mulheres cuidadoras, que são frequentemente responsáveis pela administração de medicamentos, controle alimentar e acompanhamento em consultas. Reconhecer esse trabalho informal é essencial para garantir equidade e fortalecer a atenção integral.

É importante ressaltar que o cuidado compartilhado exige a superação da lógica verticalizada de saberes e práticas. A corresponsabilização entre profissionais de saúde, usuários e comunidade amplia o potencial da educação em saúde como prática emancipatória. Ao integrar espaços formais e informais de cuidado, tais estratégias não apenas promovem a adesão ao tratamento, mas também favorecem o empoderamento dos sujeitos no enfrentamento das condições crônicas.

CONCLUSÃO

Os resultados desta revisão narrativa evidenciam que a educação em saúde representa uma estratégia essencial no cuidado de pessoas com doenças crônicas, especialmente quando construída de forma crítica, participativa e sensível às questões de gênero. As evidências analisadas apontam que os desafios formativos enfrentados por profissionais da saúde ainda refletem uma formação centrada no modelo biomédico, desarticulada das realidades sociais e culturais dos sujeitos do cuidado.

A ausência de abordagens interseccionais nas práticas educativas, aliada à pouca valorização de saberes comunitários e populares, limita a efetividade das ações de promoção à saúde e prevenção de agravos. Nesse sentido, torna-se urgente investir em processos formativos que reconheçam a diversidade das experiências de adoecimento, considerando as múltiplas desigualdades que atravessam a vivência com doenças crônicas, sobretudo entre mulheres, pessoas em contextos de vulnerabilidade social e grupos historicamente marginalizados.

Além disso, os espaços comunitários, formais e informais, revelaram-se como territórios potentes para a construção de práticas educativas que promovam o autocuidado, o pertencimento

e o fortalecimento de vínculos. Experiências que articulam tecnologias digitais, rodas de conversa, oficinas interativas e atuação de agentes comunitários demonstram que o cuidado compartilhado amplia o alcance da educação em saúde e favorece sua continuidade.

Conclui-se, portanto, que os desafios formativos para o cuidado sensível ao gênero não se limitam à transmissão de conteúdos, mas envolvem mudanças éticas, epistemológicas e políticas na forma de pensar e praticar a educação em saúde. Tais mudanças são fundamentais para garantir que o cuidado às pessoas com doenças crônicas seja mais justo, acolhedor e eficaz.

REFERÊNCIAS

SANTOS, L. S. C. et al. Cuidado sensível ao gênero no contexto da doença crônica: desafios e possibilidades na formação em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 76, supl. 1, p. e20220845, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0845>.

JESENERY, C. R. et al. Práticas educativas em saúde para prevenção de doenças crônicas: experiência de discentes na atenção primária. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, Campo Grande, v. 17, n. 21, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://www.unigran.br/saude>. Acesso em: 06 fev. 2026.

VIEIRA, R. A.; CAVALCANTI, J. R. P. A educação em saúde como uma prática para prevenção de doenças crônicas. *Revista Arete*, Maceió, v. 10, n. 1, p. 19–32, 2024. Disponível em: <https://arete.revista>. Acesso em: 06 fev. 2026.

BARBOSA, A. P. S. et al. Podcast como ferramenta de educação em saúde: experiência do projeto “Respirando com saúde na pandemia”. *Revista Interfaces da Saúde*, Recife, v. 7, n. 1, p. 114–123, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21679/2447-8949.2025v7n1.p114>.

OLIVEIRA, E. A. C.; MOURA, M. A. S. Educação em saúde na escola: abordagens interativas com jovens sobre diabetes mellitus. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, Natal, v. 18, n. 2, p. 1–10, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e12403.2024>.

LIMA, L. N. S.; SANTOS, A. A. Saúde na escola e formação cidadã: estratégias de enfrentamento às doenças crônicas. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 37, e10235, 2024. DOI:

<https://doi.org/10.5020/18061230.2024.10235>.

PEREIRA, J. V. B.; NASCIMENTO, E. T. C. Espaços comunitários e ações educativas para o cuidado com doenças crônicas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 1–11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT010124>.